

Desenvolvimentos recentes: O crescimento progrediu moderadamente na **África Subsaariana** em 2014, para 4,5%, comparado com 4,2% em 2013. Na África do Sul, o crescimento abrandou significativamente, condicionado por greves no sector mineiro, escassez de energia eléctrica e baixa confiança por parte de investidores. Angola foi atrasada pela descida de produção de petróleo, e o surto de Ébola perturbou gravemente a actividade económica no Guiné, Libéria e Serra Leoa. Contrariamente, Nigéria, a maior economia da região, as suas actividades aumentaram em um ritmo robusto, apoiadas por um sector não petrolífero dinâmico. O crescimento foi igualmente forte em muitos dos países de baixo rendimento na região. Com a excepção da África do Sul, o crescimento médio para o resto da região foi de 5.6%. Todavia, a pobreza extrema permanece alta em toda a região.

O investimento em infra-estrutura pública, aumento de produção agrícola e serviços dinâmicos foram os principais impulsionadores do crescimento. Os fluxos do IDE, uma fonte importante de financiamento da formação do capital fixo na região, diminuíram em 2014, o que reflecte crescimento mais baixo nos mercados emergentes e preços baixos de produtos de base. Contudo, vários países fronteiriços, incluindo Cote d'Ivoire, Quênia e Senegal, conseguiram ter acesso aos mercados internacionais de obrigações para financiar projectos de infra-estruturas.

O défice orçamental da região reduziu à medida que muitos países tomaram medidas em 2014 para controlar as despesas. Ao mesmo tempo, a posição fiscal deteriorou em muitos países. Em alguns países, tal deveu-se aos aumentos da despesa salarial (ex., Quênia e Moçambique). Em outros países (ex., Mali, Níger e Uganda), tal deveu-se à maior despesa associada com *frontloading* e expansão do investimento público. Em outro lugar, os défices mais altos significaram a diminuição de receitas, notavelmente dentre os países exportadores de petróleo devido à diminuição da produção e baixos preços de petróleo (ex., Angola). O rácio da dívida regional continuou moderado, graças ao crescimento robusto e taxas de câmbio em condições preferenciais. Contudo, em muito poucos países, a dívida aumentou significativamente em 2014, em particular em Gana, Níger, Moçambique e Senegal.

A queda de preços de petróleo, metais e produtos agrícolas de base pesou sobre as exportações da região. Contrariamente, impulsionada pelos projectos em infra-estruturas, a demanda por importações permaneceu forte. Consequentemente, muitos países fronteiriços, bem como a África do Sul continuaram a ter significativos défices duplos fiscais e de transacções correntes. A inflação subiu no primeiro semestre de 2014, devido, em parte, aos maiores preços de alimentos, mas permaneceu baixa em muitos países. Reflectindo preocupações sobre baixos preços de petróleo, os *spreads* soberanos para os exportadores de petróleo subiram significativamente. A moeda nigeriana, Naira, enfraqueceu fortemente face ao dólar norte-americano, induzindo o banco central a elevar as taxas de juro e desvalorizar o Naira. O Rand Sul-africano continuou a cair devido ao maior défice nacional das transacções correntes.

Perspectiva: Prevê-se que o crescimento do PIB regional permaneça de um modo geral inalterado, fixando-se em 4,6% em 2015, crescendo gradualmente para 5,1% em 2017, apoiado por investimento em infra-estruturas sustentado, aumento da produção agrícola e expansão dos sectores de serviços. Prevê-se que os preços de produtos de base e fluxos internos de capital proporcionem pouco apoio, sendo que a procura e a actividade económica nos mercados emergentes permaneçam controladas.

O crescimento permanecerá robusto na maioria dos países de baixo rendimento, graças ao investimento em infra-estruturas e expansão agrícola, embora os baixos preços de produtos de base irão amortecer a actividade dos exportadores de produtos de base. Espera-se que África do Sul enfrente crescimento lento mas estável, apoiado, em parte, pelo aumento gradual de exportações líquidas, bem como pelas reformas visando aliviar os nós de estrangulamento no sector de energia. Em Angola, espera-se que o crescimento aumente moderadamente à medida que a produção de petróleo recupere. Em Nigéria, a desvalorização do Naira irá estimular a inflação e reduzir o crescimento em 2015, mas com a expansão contínua dos sectores não-petrolíferos, em particular o sector de serviços, prevê-se que o crescimento volte a aumentar em 2016 e mais além. Dentre os países fronteiriços, prevê-se que o crescimento aumente em Quênia, impulsionado por alto investimento público e pela recuperação do turismo. As altas taxas de juro e inflação iriam pesar sobre o sentimento do consumidor e do investidor em Gana, retardando a actividade económica.

Riscos: Os riscos em relação à perspectiva regional encontram-se maioritariamente do lado negativo, decorrentes tanto de factores domésticos como externos. No que respeita aos factores domésticos, o surto de Ébola pode

alastrar-se largamente do que referido no estudo de base, acabando por afectar a confiança e causar perturbações graves ao comércio transfronteiriço e às cadeias de abastecimento na região. Em vários países, os orçamentos do Estado encontram-se em risco das demandas pelo aumento da despesa. Os conflitos no Sudão do Sul e na República Centro-Africana, bem como preocupações de segurança na região norte da Nigéria poderão ainda se deteriorarem com repercussões regionais danosas. No que tange aos factores externos, uma subida súbita da volatilidade dos mercados financeiros internacionais e baixos preços de produtos de base encontram-se dentre os maiores riscos da perspectiva regional. Um declínio mais acentuado ou sustentado no preço do petróleo iria afectar negativamente a região, pese embora os importadores líquidos de petróleo pudessem obter benefícios.

Previsões dos países da África Subsaariana

mudança da percentagem anual, salvo indicação em co

	00-10 ^a	2010	2011	2012	2013	Est. 2014	Previsões 2015	2016	2017
PIB em preços do mercado (US\$2010)									
Angola	11.3	3.4	3.9	8.4	6.8	4.4	5.3	5.0	5.2
Benin	3.9	2.6	3.5	5.4	5.6	5.2	5.0	4.7	4.7
Botswana	4.2	7.3	5.2	5.1	5.2	4.5	4.6	4.9	5.0
Burquina Faso	6.0	7.9	4.2	9.5	5.3	6.0	5.5	6.5	6.8
Cabo Verde	5.3	3.7	4.0	1.2	0.5	2.1	2.8	3.0	3.1
Camarões	3.3	3.3	4.1	4.6	5.5	5.1	5.1	4.9	5.1
Comores	1.8	2.1	2.2	3.0	3.5	3.4	3.6	3.2	3.0
Rep. Dem. de Congo	4.7	7.2	6.9	7.2	8.5	8.0	7.8	7.5	7.3
Côte d'Ivoire	1.1	2.4	-4.7	9.5	8.7	9.1	8.5	8.2	8.0
Eritrea	0.9	2.2	8.7	7.0	1.3	3.2	3.0	4.0	4.3
Etiópia^b	8.6	12.6	11.2	8.7	10.4	6.7	6.9	6.6	6.7
Gabão	2.0	6.7	7.1	5.6	5.9	5.0	5.5	5.6	5.7
Gambia	3.8	6.5	-4.3	6.1	5.6	5.7	5.3	4.8	4.6
Gana	5.8	8.0	15.0	8.8	7.1	4.7	4.5	5.5	6.0
Guiné	2.6	1.9	3.9	3.9	2.5	0.5	-0.2	2.2	2.5
Guiné-Bissau	2.2	1.7	5.3	-1.5	0.3	2.1	2.5	2.3	2.0
Quênia	4.4	5.8	6.1	4.5	5.7	5.4	6.0	6.6	6.5
Lesotho	4.0	7.9	2.8	6.5	5.9	4.6	4.7	4.5	4.4
Madagáscar	2.5	0.5	1.0	2.4	2.1	3.0	3.6	3.8	3.9
Malawi	4.5	-9.5	4.3	1.9	5.0	4.2	4.6	5.0	5.2
Mali	6.0	5.8	2.7	-0.4	2.1	5.0	4.3	4.6	4.8
Mauritânia	4.9	5.1	4.0	7.0	6.7	5.7	5.5	5.6	5.6
Maurícia	3.8	4.1	3.9	3.2	3.2	3.4	3.9	3.7	3.7
Moçambique	7.8	7.1	7.3	7.2	7.1	7.2	8.0	8.1	8.2
Namíbia	4.6	6.3	5.1	5.2	5.1	4.2	4.3	4.1	4.0
Níger	4.6	8.4	2.3	10.8	3.9	5.7	6.0	6.2	6.3
Nigéria	8.9	7.8	4.9	4.3	5.4	6.3	5.5	5.8	6.2
Ruanda	7.9	7.2	7.5	7.3	4.6	6.0	6.5	7.0	7.1
Senegal	4.1	4.3	2.1	3.5	4.0	4.5	4.8	4.7	4.7
Serra Leoa	8.9	5.4	6.0	15.2	20.1	4.0	-2.0	2.5	2.7
África do Sul	3.5	3.1	3.6	2.5	1.9	1.4	2.2	2.5	2.7
Sudão	6.3	3.5	-3.3	-10.1	-6.0	2.6	2.5	2.8	3.0
Suazilândia	2.3	1.9	-0.7	1.9	2.8	2.0	2.2	2.6	2.8
Tanzânia	7.0	7.0	6.4	6.9	7.0	7.0	7.2	6.8	7.0
Togo	2.2	4.2	4.9	5.9	5.1	5.2	5.0	4.9	4.7
Uganda	7.5	6.2	5.0	4.6	5.9	6.3	6.6	6.9	7.0
Zâmbia	5.6	7.6	6.8	7.3	6.4	6.4	6.3	6.5	6.7
Zimbabwe	-4.7	9.6	11.9	10.6	4.5	3.1	3.2	3.7	3.4

Fonte: Banco Mundial

As previsões do Banco Mundial são frequentemente actualizadas com base em nova informação e evolução de circunstâncias. Assim sendo, as projecções aqui apresentadas podem ser diferentes das contidas noutros documentos do Banco, mesmo que avaliações básicas de perspectivas nacionais sejam significativamente iguais em um certo período de tempo.

Taxas de crescimento em intervalos são médias.

As taxas de crescimento são reportadas em termos de Ano Fiscal.